



N.º 118 — LISBOA, 16 DE ABRIL

3
ANO
99

A PARODIA

PREÇO DA ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADIANTADO)

Lisboa, provincias e Africa serie de 26 numeros 500 réis
52 " 1000 "
Cobrança pelo correio custa 100 "
Estrangeiro, accresce o porte do correio.

Preço avulso 20 réis

Um mez depois de publicado 40 réis

Publica-se ás quartas-feiras

PROPRIETARIOS:

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

E

M. GUSTAVO BORDALLO PINHEIRO

Redacção — RUA DO GREMIO LUZITANO, 66, 1.º

ADMINISTRADOR — GONZAGA GOMES

Administração — R. DO GREMIO LUZITANO, 66, 1.º

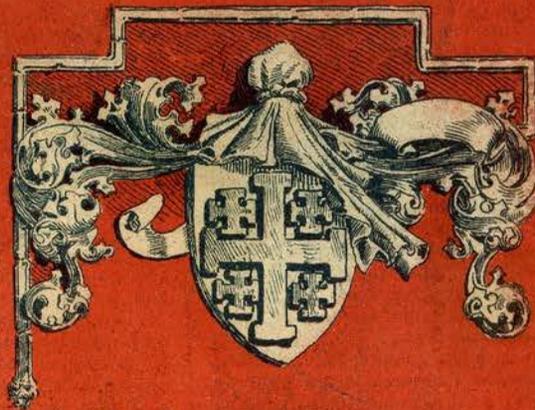
Composição: *Minerva Peninsular*,
111, Rua do Norte, 113

Impressão: *Lithographia Artística*,
Rua do Almada, 32 e 34

EDITOR — CÂNDIDO CHAVES



O novo D. Nun'Alvares.



*Grande heroismo e grande ingenuidade,
Bigode loiro e afirmações solêmes,
Erguendo ao sol a Espada e a Verdade.
E este, no dizer de Antonio Ennes,
O D. Nun'Alvares da nova idade!*

*Um D. Nun'Alvares dos mais correctos,
Cheio de sonhos e sorrisos francos,
Que se não chegam a tornar concretos...
—Protesto em punho, quando fala aos brancos,
Espada em punho, quando fala aos pretos!*



Nobreza

Nós tivemos em tempo uma nobreza portugueza, uma grande e beata aristocracia, rasoavelmente fradesca mas muito illustre, — uma nobreza de costella d'ouro, uma nobreza *vieille roche*, uma nobreza sangue godo, — qualquer coisa de muito respeitavel e de archi-tradicional, em cuja presença uma pessoa tirava cortezmente o seu chapéu.

Pouco a pouco, essa nobreza foi-se dissolvendo.

O Seculo XVIII tornou-a, pela apathia dos oratorios e dos conventos, uma devota nobreza de arthriticos. As primas casavam-se com os primos, os cruzamentos consanguineos soimavam taras similares, e enquanto a raça ia degenerando n'uma flora ingénua de maluquinhos e de obesos, as hypothecas, as vendas, as dissipações roiam as casas fidalgas, e o ouro das fazendas sumia-se em moedas nos bahús das comicas italianas, nos arcazes beatos das sacristias e nas cellas dos mosteiros de freiras. Mais tarde, no Século XIX, a maior, a mais lidima parte da nobreza acabou de arruinar-se com os frades, com a força e com D. Miguel. O constitucionalismo veio refrescar então a fidalguia cançada, creando novas nobrezas menos authenticas, fazendo duques, marquezes e condes, e florindo finalmente, em pleno eden das Laranjeiras, n'esse grande symbolo millionario de toda a nobreza romantica: o Conde de Farrobo. Mas a dissipação continuou, mais intensa do que nunca, a politica apressou as ruinas, e essa mesma nobreza azul e branca cahiu afinal, n'uma rapidez de catastrophe.

Veio então, como epilogo, a ultima infiltração burgueza, a fidalguia de fresca data, o grande industrial que se faz marquez, o banqueiro que se faz conde, a nobreza-finança, a nobreza régra-de-tres, refrescando a velha aristocracia pelo systema do casamento rico, e dando-lhe um tonus simultaneo de argentaria e de padreação. A caduca fidalguia tradicional foi substituida pouco a pouco pela nobreza *nouveau-jeu*, pela nobreza união-fabril. O armorial manuelino da sala dos Veados, com o seu ouro e os seus esmaltes, transformou-se no tecto de ferro das grandes fidalguas industriaes. O *Thesouro da Nobreza*, de frei

Manoel de Santo Antonio, foi substituido pelo livro-caixa. As figurações symbolicas e illuminadas da heraldica, cederam o passo ao *trade mark* das industrias.

Mas o peor é que a nova nobreza agricola e financial, de sua natureza *gauche* e incivil, precisava ir á côrte, saber andar, curvar-se, estar calada, comer á mesa dos reis, executar as pragmaticas, ter capello em etiquetas ser grã-cruz na miuto nobre Ordem da Mesura, apparentar, enfim, essa galanteria innata que só se adquire pela estratificação e accumulção, atravez gerações, do particular instincto de nobreza.

Então, assistimos a um espectáculo que dá a perfeita medida da degenerescencia moral do nosso meio.

É justamente a nobreza desthronada, a nobreza pobre e obscura, desapparecida pela ruina, mas do mais puro *ancien-regime*, a nobreza authentica posta de lado pela penuria, a mesma nobreza que toureava para comer como o conde de Vimioso, que morria no hospital como o conde de Ceia, que punha em leilão a casa e a honra como os marquezes de Vianna, — a grande nobreza que ainda hoje trabalha para viver e canta nas *Folies Bergère* com o habito de Christo ao peito, — é justamente essa velha e authentica fidalguia que se põe ao serviço da nobreza de fresca data, com um servilismo mesureiro capaz de fazer corar todos os Reis d'Armas de Portugal.

É, pouco mais ou menos, pôr-se a nobreza-pergaminho ao serviço da nobreza-plantação de café.

A velha aristocracia obscura e pobre, encosta-se como um musgo á arvore de costado dos novissimos fidalgos, casa as filhas, refaz as fazendas, e quando não tem mais proveito a arrancar do novo pato heraldico, offerece-se para lhe ensinar civilidade e bôas maneiras e o pôr apto a apresentar-se sem *gaucherie* nas ceremonias do paço.

Foi o que succedeu ultimamente.

Um fidalgo pobre e educado na côrte, annuncia nos jornaes que abriu um curso de mestré-sala, para dar lições de pragmatica e de etiqueta aos novos titulares que frequentam a casa real, e que, segundo o mesmo fidalgo, seriam pouco mais ou menos uns *Bourgeois gentil homme*, ferteis em figuras tristes e em erros de protocollo.

Como symptoma de decadencia, o annuncio tem o valor de um documento: mas como vingança d'um fidalgo arruinado que faz pela vida e explora convenientemente a burguezia coroadada de fresco, então, adquire um valor mil vezes maio: o valor d'um epigramma.

O novo mestre de ceremonias ensinará a aristocracia de hontem a curvar-se, a fazer reverencias, a dançar a pavana, a dizer phrases amaveis, a calçar as luvas, a escrever cartas de namoro, a andar ás arcejúas, a usar sapatos Luiz XV, a beijar mãos, a ajoelhar, a erguer-se, a assoar-se, a ir á missa, a repetir vinte vezes as mesmas palavras como um conde conhecido, e a conquistar o céu como as onze mil virgens.

Os novos titulares ficam, como o burguez de Molière, com um excelente mestré-sala.

Não ha tempo a perder. Augmentem-lhe os honorarios, — e terão um magnifico creado de quarto.

THYRSO.

ALBUM DAS GLORIAS

Brevemente o numero 39. *Portrait-Charge* de Bulhão Pato, biographia de Julio Dantas.

BIBLIOGRAPHIA

O sr. Henrique Marques Junior, que está sendo escriptor fecundo como uma coelha Senior, envia nos um novo livro, *Novos Contos de Fadas*, esmeradamente traduido, primoroso de edição, com estampas muito bem impressas mas desenhadas como Deus quer e é servido.

Muito obrigado ao sr. Marques pela sua gentileza e Deus Nosso Senhor lhe continue a dar uma boa hora.

Para os amigos, mãos rotas. E' o que se está vendo.

EXPEDIENTE

Um nosso prezado assignante de Ferreira do Zezere, enviou-nos, por equivoco, mil réis a mais n'uma importancia que teve de nos remetter. Informado d'isto, declarou-nos que fizessemos entrega d'esta somma aos nossos pobres.

Assim o fizemos, entregando 200 réis a cada um de cinco necessitados, cujos nomes e moradas participámos áquelle cavalheiro.

Em nome dos contemplados, os nossos agradecimentos.

Companhia Real DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES

Serviço especial com motivo da feira e festas da Semana Santa em

Sevilla

Bilhetes de ida e volta a preços reduzidos

De Lisboa Coimbra ou Figueira

1.ª classe 18.300 2.ª classe 12.400 3.ª classe 8.600

De Porto-Campanhá

1.ª classe 21.300 2.ª classe 14.000 3.ª classe 10.100

validos para ida de 21 de Março até 17 d'April, e para o

regresso de 29 de Março até 25 d'April, inclusive.

Combolo rapido directo de ida e volta

composto de carruagens de 1.ª cla-se, arruagens sleeping e um restaurante (este ultimo até onde desde Elvas

Partida de Lisboa-Rocio em 16 de Abril ás 4 h. da tarde

chegada a Sevilla ás 05 h. da manhã

de Sevilla em 22 d'April ás 8:30 h da tarde

chegada a Lisboa-Rocio ás 12:40 h. da tarde

São validos para este combolo os bilhetes especificos

de 1.ª classe d'este Serviço e os ordinarios simple (uma só viagem) da mesma classe.

Sobretaxa p.º o wagon-leito, quer na ida quer á volta.

1 peseta e mais 10 centimos de sello pa a o Governo hespanhol.

Os passageiros de 1.ª classe poderão t.m.ar as suas refeições no restaurante.

Para mais esclarecimentos ver os cartazes affixados nos logares do costume.

Lisboa, 18 de Março de 1902.

Pelo Director Geral da Companhia

O Engenheiro Adjuncto á Direcção Geral

Augusto Luciano S. de Carvalho

Vivinha a saltar!

Sabe o nosso Cayolla que o temos na maior consideração pelo seu talento e pela sua careca, que também é de respeito. Mas isso não nos obriga a deixar passar em claro as falsidades de que se serve no seu *Journal* para fazer politica facciosa.

Referindo-se ao projecto do alcool do nosso venerabundo Teixeira de Souza, escreveu Cayolla ha dias :

77 decilitros de agardente de vinho, pelo custo actual, a 80\$ 00 réis a pipa de 500 litros,

importam em.....	1 0
Vinho.....	40
Engarrafamento e embalagem (à larga)....	100
Somma—Réis.....	220

Ora isto não é assim. A coisa fica muito mais barata. Quem diz a Cayolla que a embalagem é feita á larga? Não é tal. É á apertada. Mesmo porque se a embalagem for feita á larga, as garrafas começam a bater umas nas outras e partem-se. Primeira insidia do seu facciosismo, Cayolla.

Agora a segunda :

«Os vinhos engarrafados de graduação até 23° são taxados em 4 réis por litro.»

Isto é o que se chama meter os pés pelas mãos ! Oh homem de Deus os vinhos nunca foram taxados.

Tachados são os que o bebem !

E agora, esta, que é de apavorar um cafre:

«O sr. ministro da marinha pretende terminar com o uso do alcool nas colonias, para que, pela falta de propagação da especie, não fiquem despovoadas, pois que, sem o indigena, não ha riqueza em Africa, e os effeitos do alcool perturbam as funcções procreatoras.»

Oh Cayolla ! Valha nos Deus ! Isso também não é tanto assim... Quem lhe mettuessa na cabeça — errou a pontaria.



De Coimbra veiu uma representação ao governo pedindo uma pensão para um 1.º official do governo civil d'alli, chamado Manso Preto, que tendo ido assistir como delegado do sr. Hintze a uma eleição renhissima em Serfins, veiu de lá não Manso Preto como era, mas Bravo e Branco como um coelho do Grandella.

E' justo. Que o Preto também ser gente !



Queira o nosso illustre mestre Marianno de Carvalho permittir que traslademos do seu jornal a seguinte delicia :

«A nosso ver a extracção devia começar a hora bem determinada, meio dia por exemplo, e a venda terminar meia hora antes nas lojas e nas ruas ; ou talvez melhor terminar a venda ao meio dia e começar a extracção meia hora depois.»

Oh sr. Marianno, não seja ingrato com os amigos : faça este homem socio effectivo da Academia.



Recortamos de um jornal:

«Fausto Graça agradece ao sr. dr. Cottard Tontain a forma generosa e scientificas por que o tratou de uma grave doença.»

Estaes a ver a *borla*. Foi tratado de graça. Com este Fausto dá-se o caso da pescada: antes de ser tratado de graça já o era.



Consta pelos jornaes que vão ser agraciados com o titulo de conde do Termo dois cavalheiros illustres entre os mais illustres da nossa sociedade, pae e filho.

Apraz-nos registar a noticia, mas um receio nos abala: sendo o titulo dos dois commum, ou commum de dois, a que data de enganoso e embrulhadas não dará elle motivo !

Para obviar a taes inconvenientes temos a honra de alvitrar uma grande ideia que tivemos, agora mesmo, e aqui fica, vivinha a saltar :

— Que ao pae seja concedido o titulo de conde de Termo (Branco) ; e ao filho, o de conde do Termo (Tinto).

E guarda-se para o sr. Mazzioti o de conde de Collares (Com Agua).



Não nos faltava mais nada senão aturar malucos.

Chega-nos pelo correio um bilhete postal de um colher d'hervas qualquer, perguntando se «chispe é applicavel apenas aos pés de porco ou a todos e quaesquer pés.»

Eu sei lá, homem de Deus ! No entanto, parece-me que chispe é apenas applicavel a feijão branco. Mas pergunte alli ao sr. Louro, que n'isto de chispes vale por quatro.



O *Popular* disse ha dias coisas de enervar á Patti, por occasião do 59.º anniversario da eterna *diva*. E terminou por esta, que fica ro album como logar selecto :

«Quando a Patti hoje apparece em alguma festa de caridade, com os seus 59, ainda é... a Patti.»

Aqui ha coisa, ch se ha ! A Patti que te poz n'esse estado...

o homem dos mundos

Cumulos

Do **Hercules**. — Levantar um falso testemunho.

Da **Gastronomia**. — Trincar castanhas pilladas com dentes d'alho.

Do **Amor**. — Adorar as meninas dos olhos por ser cego.

Do **Tabellão**. — Lavrar com uma charua a escriptura de venda d'uma Herdade.



Da **Electrotorápia**. — Curar de ataxia locomotriz a frades e cachorros de pedra.

Da **Electricidade**. — Estabelecer correntes electricas nas campainhas da garganta, e tornar irrefractaveis os que vivem isolados.

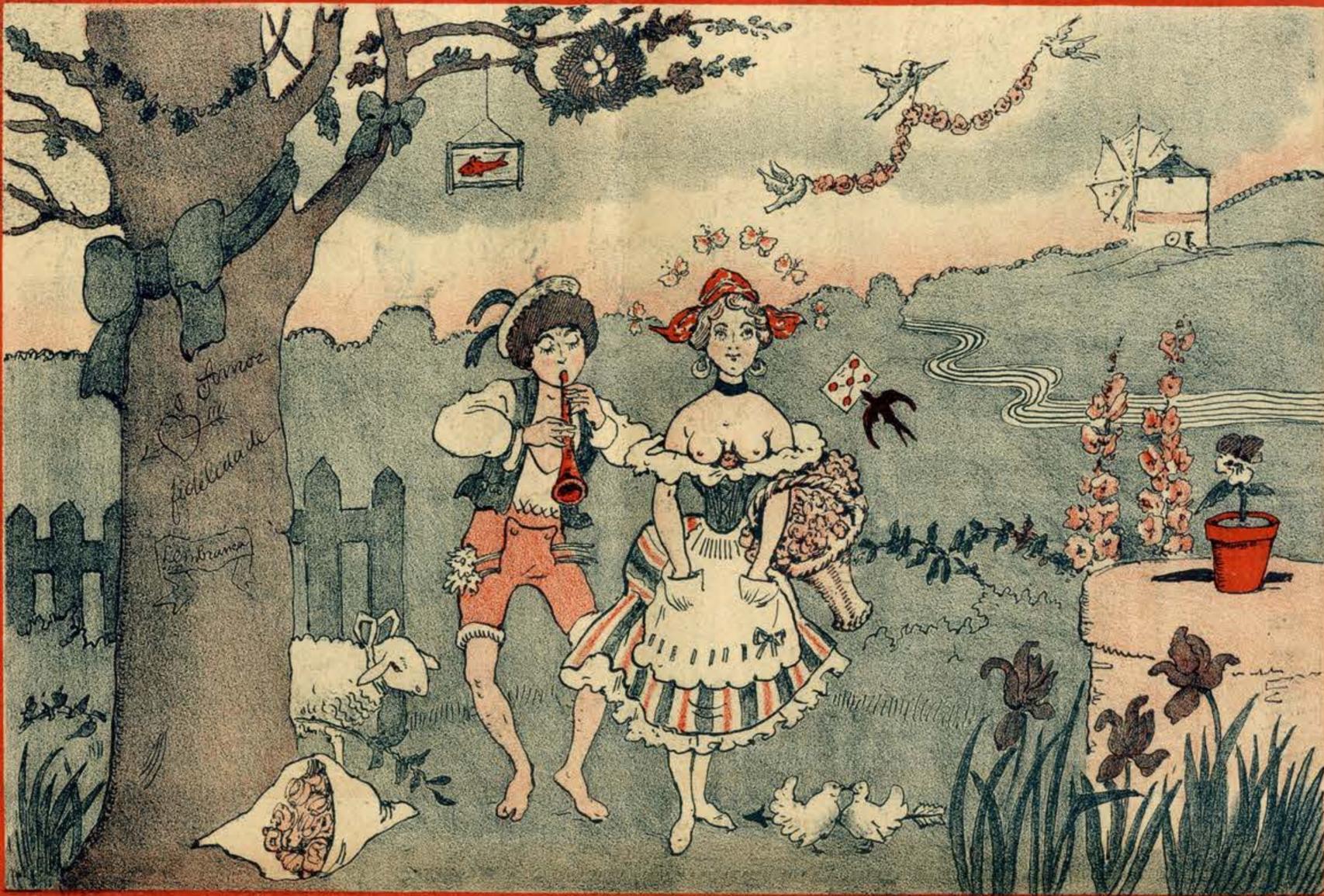
D'As **vésessas**. — Ter lentes com occulos e lunetas.



A PRIMAVERA

OU

A bem conhecida simplicidade dos campos



Como ella é sonhada pelos poetas.



Como ella é na realidade.



O homem esverdeado!

ou a Porta Misteriosa do segredo dos Thesouros dos subterraneos do Castello Maldito

Grande romance historico

(Tradução á letra do notavel escriptor M. Gustavo)

PRIMEIRA PARTE PAMELA, A PERFIDA OU

«Não, não, o vicio nem sempre é castigado»

GAPITULO III

A CONSPIRAÇÃO

(Continuado do numero antecedente)

Em volta das toscas mezas, parcamente illuminadas por lanternas surdas, sentava-se uma duzia de vadios, de má carz, em bora parecessem gosar d'uma excellente saude.

Estavam bebendo, e digeriam ruidosamente, trocando-se entre si grossas larachas e piadas em calão, d'um gosto mais do que equivoco.

Foi então, que no meio da fumaceira que enchia toda a sala, se ouviu a voz de Melchior, altiva, quasi imperativa :



— Está cá o Rouquin por alcunha, o Mosca-de-carne!

— Profppto, meu capitão, respondeu uma voz aflautada.

O homem que assim fallava, — porque era elle — usava lunetas como Booz: mas differencavam-se das do judeu porque se compunham de dois vidros muito encarnados e denotavam da parte do seu proprietario uma inextinguivel sêde de assassinato.

De facto não se passava um unico dia em que Rouquin não sangrasses algum christão com esta simples circumstancia attenuante; é que via tudo encarnado.

— Vem por aqui, disse Melchior conversaremos mais á vontade no fundo da salla.

D'este lado a casa dava logo para o rio: parecia pois não haver a temer nenhuma espionagem. Todavia os dois pozeram-se a fallar em voz tão baixa que apenas algumas palavras soltas chegaram aos ouvidos dos bebedores:

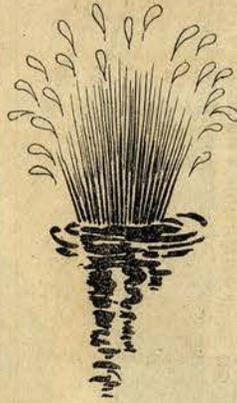
«Mascara de velludo... porta arrobada... mordança... caruagem... muita pressa... mysterio... obra acciada... absoluta discreção».

Depois pareceu discutir-se acaloradamente uma questão de dinheiro:

«Trinta mil réis... Isso não chega... mais vinte e cinco tostões... nem um vintem a mais... não é negocio... etc.» tudo isto misturado com grandes pragas e algumas palavras em hespanhol.

Por fim acabou a discussão, vindo Melchior collocar-se de novo, no meio da salla.

— Meus irmãos, exclamou elle, vi hoje o mestre. Em breve voltará para os seus. Pode elle contar com a vossa dedicacão e fidelidade?



— Nós cá 'stemos, responderam os bebados, em côro. E depois, espontaneamente: — Viva o mestre! Viva Melchior, que é o nosso capitão!

N'isto, se alguém escutas-se attentamente, ouviria por detraz da parede, o ruido surdo d'um corpo, cahindo n'agua...

CAPITULO IV

As duas jovens

Ao meio da rua de Tournelles, uma velha tabolleta «O escudo de Jade» annunciava a loja de Colin Cochonet, mercador, syndico da corporação e fornecedor de Monsieur, irmão do rei.

Depois da morte de sua mulher a honesta madame Thibaude, Colin vivia só com

as suas peças de panno e a sua filha unica, a adoravel Angela.

Angela devia contar os seus desesete annos, para o tempo das ervilhas.

O seu olhar era d'uma doçura extrema e possuia aquelle perturbador encanto que teem as mulheres louras quando estão de lucto.

A bocca era de coral, os dentes eram perolas, os pés, os d'uma duqueza e o seu vestidinho de lã negra modelava admiravelmente aquelle corpo bem feito, obra de Cupido, pela certa...

N'uma bella manhã de abril, Angela sentada no seu quarto virginal, ouvindo os seus sonoros canarios das Ilhas, acariciava com mão distrahida o seu cão fiel, todo negro (dando pelo nome de Alvo); contemplava, pensativa, o cahir da tarde, e os ultimos raios de sol que lhe douravam as cortinas da janella.

De repente, o pesado reposteiro da entrada, levantou se para dar passagem a uma outra joven, de physionomia encantadora.

Dolores — porque era ella — podia ter para ahi, os seus desesete annos, para o tempo dos tomates. Possuia o olhar singularmente profundo e aquelle encanto perturbador que teem todas as mulheres morenas quando são muito morenas.

Seria necessario o pincel de Annunciação ou de S. Porto para descrever as formas d'essa creatura fascinadora que, além d'isso, era espanhola.

— E's tu, Dolores, querida amiga de infancia? exclamou Angela, tu que partilhaste os



meus folguedos e ás minhas humildes tarefas? Tu que trazes no teu eburneo braço, tatuado com tincta azul, um coração ardente trespassado por uma setta? (extranho mysterio).

— Que significa esse signal indelevel? Ignora-se. Quem eram os teus paes? Nunca ninguem o soube.

Lembras-te apenas ter visto na tua mais tenra infancia, debrucar-se sobre o teu berço, uma mulher cujas feições eram finas e nobres.
A essa



mulher toda a gente chamava: «Senhora Condessa.»

Depois lembras-te que por uma noite de luar foste levada a travéz d'uma negra floresta e logo um denso veu cae sobre a tua memoria.

Oh! sim! Decerto fizeste longas viagens, percorreste a Europa em todos os sentidos, até que a minha defuncta e boa mãe te acolheu e te adoptou.

Mais tarde passaste commigo dias aprasíveis no convento dos Passarinhos e lá encontráste em mim uma verdadeira irmã amavel e terna...

Oh! Como eu sou feliz em tornar a ver-te!... Oh! Como eu sou feliz! Preciso do teu auxilio!...

E, Angela, suffocada pelas lagrimas, calou-se.

—Que tens tu? exclamou Dolores, que tens tu, oh! o que tens tu?

Comovida por esta tão terna sollicitude, Angela fechou os olhos e com o rubor nas faces, disse assim.

—Outro dia fui com o Papá ao Prês-aux-Clers assistir ao torneio de tiro aos pombos. Era uma linda manhã de primavera e tudo parecia renascer na natureza. Que linda festa, minha querida! Entre os gentis-homens que se distinguiam pela sua graça de atridores a pombos, encontrava-se um joven alferes dos Mosqueteiros Cinzentos do Cardeal.

Esse encantador militar... mas exactamente; eil-o que chega!...

Effectivamente uma ruidosa charanga passava na rua e as duas meninas precipitaram-se para a janella.

CAPITULO V

Os Mosqueteiros do Cardeal

O Cardeal-Ministro volta va do parlamento e a sua carruagem ia rodeada pelos Mosqueteiros, como se fóra um muro de gente viva.

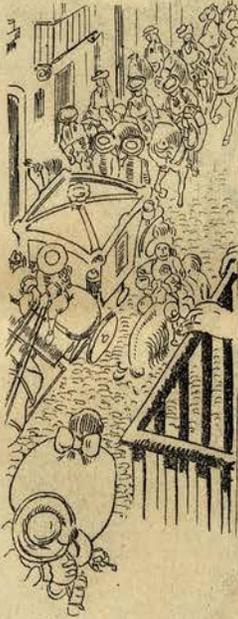
Este muro era feito pelos Mosqueteiros Cinzentos de Mazarin.

Ao reconhecer o uniforme d'estes, Angela sentio palpitar-lhe o seio ou antes os seus dois seios, porque ella tinha dois e se não fosse a chinfrineira dos metaes ouvir-se-hia distinctamente, a dez passos de distancia, o bater apressado do seu amoroso coração.

A direita do carro cardinalicio um garboso alferes cavalgava um soberbo *pursang*, que deitava scentellas pelos olhos, fumo pelas ventas, faiscas pelas patas, d'onde se podia concluir que todo elle estava cheio de fogo.



Particularmente aristocratica, tão conhecida n'essa epoca, pelo nome de Caca-Dauphin.



Em quanto ao cavalleiro, o distincto alferes Conde Arthur de Boisfotté—porque era elle—hinto na sella e a mão esquerda na anca, sustinha sem esforço os saltos da cavallidade.

O seu semblante suado brilhava como o astro do dia e sobre a testa intelligente cahia em aneis indomaveis uma luxuriante cabelleira com aquella cór quente par-



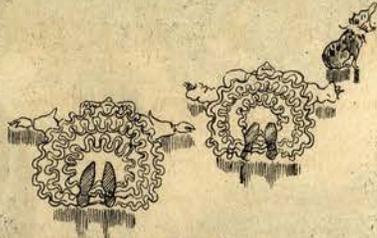
N'este comenos, o brilhante official levantou a cabeça e o seu olhar crusou com o das meninas da janella.

Dolores não poudere ter um grito abafado:

—E' elle.

—Pois que? exclamou Angela com um sorriso d'angustia, tambem tu o amas?

Então, sem uma palavra, sem um gesto, mais brancas do que a cal da parede, as duas meninas cahiram de costas, como fulminadas. Tinham desmaiado...



E emquanto cá fóra se perdia ao longe a alegre e brilhante charanga, lá dentro, sósinho, junto d'aquelles corpos estendidos um cão uivava tristemente. E aquelles uivos nada tinham de humano!...

(Continúa.)

MENÉRES & C.^a

Porto

Fornecedores da Casa Real Portuguesa, da Casa do Presidente da Republica do Brasil, da Directoria da Sociedade Publica do Pará, da Cooperativa Militar Portuguesa, da Santa Casa de Misericordia de Santos.

As melhores mercancias de vinhos do Porto

AGENCIAS EM TODO O MUNDO

Ourivesaria e Relojoaria
com officina anexa
de fabrico e
concertos

FLORINDO

Jóias
com brilhantes
Preços limitadissimos
99, RUA AUREA, 99



De que consta o que faz e vende a casa Freire-Graador E' a unica n.º paiz habilitada completa em todos os ramos de gravuras, fabrica de carimbos e suas machinas, aneis, typographia e lytographia, encadern dor, papelaria, ferragens, finas, binoculos, colleiras, retratos a crayon e molduras, armazem das letras esmaltadas, figuras, centros de mesa, manteiguetas etc de uso,

preços de copiar, etiquetas de metal, sortimento m nastro de artigos para barbeiros, «Agua Bonchard» para pintar o cabelo primeira mar. a do mundo, chapas para portas etc etc. — Vizitem esta casa porq' não existe igual para o que o seu proprietario tem feito vi gens d'estudo em toda a Eur.pa.

Telephone 943, RUA DO OURO, 158 a 164.

1.º serie de 10
200 réis

20 réis cada um

Bilhetes Postaes

D'A PARODIA

Callista

pedicuro

JERONYMO FERNANDES

R. SERPA PINTO, 48, 1.º

(Frente para o Chado)

EXTRACÇÃO de callos e desencroamento de unhas pelos mais modernos e processos até hoje conhecidos.

Pede-se ao publico que venha a este e te consultorio para se certificar d.s verdadeiros milagres que ali se operam

A CAPA D' "A PARODIA,"

Para o 1.º e 2.º volume

Preço 700 réis cada

PARAISO... POLITICO
A MAÇA DO CONVENIO



EVA — Tem paciência, Adão, hasde engulir-a...